

O HEBRAICO MODERNO: UM ESTUDO HISTÓRICO

Rifka Berezin

A língua hebraica teve uma evolução histórica “sui generis” em virtude de fatores peculiares da sociedade a que tem servido de veículo de comunicação.

Esta língua foi falada pelo povo judeu desde a conquista de Canaã em 1.200 a.C. até aproximadamente 200 d.C. Seu uso corrente fora interrompido pela dispersão deste povo, que passou a viver em diversos países e a falar diferentes idiomas. Entretanto, o hebraico sempre foi conservado nas práticas religiosas e continuou sendo cultivado como língua escrita.

O patrimônio literário elaborado nessa língua costuma ser dividido em três períodos quanto à temática abordada e quanto às características da linguagem empregada

No primeiro período, o chamado *Bíblico* (de 1.200 a.C. até aproximadamente 130 a.C.), a língua hebraica teve uma existência plena, isto é, era empregada na comunicação oral, na vida religiosa, nos negócios públicos e nas obras literárias. É ao longo deste período que foram escritos os diferentes livros da Bíblia.

No segundo período, o *Talmúdico* (de aproximadamente 130 a.C. até 600 d.C.), o hebraico foi uma língua falada somente no início, conjuntamente com o aramaico. No final deste período, a língua deixou de ser falada pelo povo e passou a ser somente a língua dos livros ou dos sábios, como era então chamada. Nesta época foi elaborada a vasta literatura Talmúdica, o Talmud da Palestina e o Talmud da Babilônia, escrito em parte em hebraico e em parte em aramaico.

O hebraico talmúdico é um prolongamento do hebraico bíblico, sofrendo, entretanto, transformações semânticas, sintáticas e léxicas. Enquanto o vocabulário contido na Bíblia não excede 8.000 vocábulos, no período talmúdico este vocabulário foi grandemente aumentado; cerca de 50% dos vocábulos da linguagem talmúdica são de origem bíblica e o restante é resultado do desenvolvimento natural da língua hebraica, enquanto falada pelo povo. A linguagem dos textos

talmúdicos revela uma grande influência do aramaico no seu léxico e principalmente na sintaxe. Neste período o hebraico absorveu também inúmeros elementos vocabulares gregos e persas.

No terceiro período, o *Medieval* (de 600 d.C. até o século XVIII) o hebraico não foi uma língua falada pelo povo, mas continuou predominante no seu mundo espiritual e religioso. O homem judeu, quase sem exceção, aprendia o hebraico desde a infância, como a língua sagrada do seu povo. A vasta produção literária deste período foi escrita, em grande parte, em hebraico, tanto em prosa como em poesia. Trata-se de uma literatura de fundo religioso e literário no início do período e, mais tarde, também de cunho profano e filológico.

No século XVI, os judeus passaram a falar dois outros idiomas judaicos: o iídiche (judaico-alemão) e o ladino (judaico-espanhol), ambos grafados em caracteres hebraicos.

Contudo, a comunicação, principalmente por escrito, entre as diferentes comunidades dispersas era feita em hebraico.

Por não ter sido uma língua falada, e ainda por razões religiosas, a língua hebraica foi preservada tal como ela se encontra nos textos bíblicos e talmúdicos. Ela foi ampliada na Idade Média, quando foram criados novos vocábulos, necessários para expressar os temas tratados. Neste período ela absorveu muitos vocábulos da língua árabe, devido à convivência de grande número de sábios judeus com a cultura árabe; entretanto, não foram introduzidas mudanças morfológicas ou sintáticas no hebraico clássico, conservado inalterado.

A RESTAURAÇÃO DA LÍNGUA HEBRAICA, COMO LÍNGUA ESCRITA E ORAL

O hebraico moderno não é uma continuação direta do hebraico das “fontes escritas” ou do último período literário. Esta linguagem que durante 1.700 anos não teve existência plena e um desenvolvimento natural, não poderia suprir as necessidades de expressão do mundo moderno; era necessário adequá-la para que pudesse desempenhar tal função.

O ideal da transformação da velha língua hebraica numa língua para uso corrente surgiu com os iniciadores do movimento iluminista judaico (“*haskaláh*”), que se iniciou em fins do século XVIII. Esse movimento distanciou-se da religião e passou a produzir intensivamente obras de conteúdo profano. Sua temática é muito diversificada e compreende pesquisas em muitos setores como Bíblia, Gramática, Filosofia e traduções de obras científicas modernas para o hebraico.

Os escritores iluministas legaram vasta produção literária que, de início, se prendeu exclusivamente ao estilo bíblico, na busca das formas mais puras da expressão hebraica. Mas, a introdução de novos conceitos e novas necessidades do mundo europeu moderno tornou difícil a arte de expressar-se somente em estilo e linguagem bíblicos e essas obras se tornaram artificiais.

Teve início, então, a pesquisa no sentido de um aproveitamento do patrimônio vocabular de todas as épocas e adaptação de formas arcaicas às novas necessidades.

O primeiro escritor iluminista que desenvolveu a tarefa de pesquisar e aproveitar o vocabulário de todos os períodos, chegando a uma síntese e lançando as bases para um *estilo* do hebraico foi o escritor satírico Shalom Iacov Abramovitch, mais conhecido como Mendele Mocher Sefarim. O seu estilo é sintético, isto é, emprega o material lingüístico, vocábulos e expressões das fontes de todas as gerações da Bíblia, do Talmud, da liturgia, da literatura filosófica medieval e da literatura rabínica hassídica e erudita, aproveitando até mesmo o aramaico, contido na literatura talmúdica, em função das necessidades de expressão. Com ele se iniciaram os processos de ampliação e de enriquecimento a ponto de criar as condições do ressurgimento da fala hebraica e o seu uso em todos os ramos da ciência e da poética, do pensamento e dos sentimentos humanos.

O renascimento do hebraico moderno como *fala popular* deve-se em grande parte a Eliezer ben Iehuda (1858-1922), considerado o pioneiro da fala hebraica na era moderna. Ben Iehuda provou que é possível empregar a língua hebraica em todos os setores da vida prática, desde que dela se faça uso com persistência e coerência. Ademais, criou um grande número de vocábulos adotados pelo hebraico moderno e elaborou um grande dicionário (de dezessete volumes), no qual já introduziu grande número de vocábulos inovados pelos iluministas e por ele.

Lançadas as bases do renascimento do hebraico, tanto na literatura como na fala popular, deu-se início a um trabalho disciplinado de criação de novos vocábulos, para suprir as necessidades de um idioma que passou, gradativamente, de escrito a falado. Nos fins do século passado, com o início da colonização judaica de Israel, a tarefa de renovação do idioma hebraico teve maior incremento.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO

1.º CRIAÇÃO DE NOVOS VOCÁBULOS

O processo de restauração organizado do hebraico deu origem a um grande número de vocábulos novos, porém as estruturas grama-

taicas e a sintaxe continuaram sendo basicamente os do hebraico bíblico e talmúdico. Foram introduzidas algumas modificações e simplificações, como por exemplo nos tempos dos verbos, que são bastantes e imprecisos na Bíblia. Entretanto, a gramática do hebraico moderno baseia-se primordialmente nas estruturas gramaticais do hebraico clássico.

Todo o trabalho de inovação foi realizado pelo “Comitê da Língua Hebraica” (fundado em 1890), mais tarde transformado na “Academia de Língua Hebraica” (1948), que funciona em Jerusalém.

A Academia de Língua Hebraica é uma instituição oficial e suas decisões, em matéria de nomenclatura técnica, gramática, grafia e transliteração, são adotadas pelas entidades educacionais e científicas. As palavras e termos que ela cunha, tornam-se elementos obrigatórios nos programas escolares, são introduzidos nos dicionários e livros de textos, tornando-se parte integrante do patrimônio nacional.

A Academia exerce também uma supervisão permanente sobre a linguagem empregada pelo Serviço de Radiodifusão de Israel, tanto no que refere à linguagem como no que diz respeito à sua correta pronúncia.

A sua tarefa fundamental consistiu em fixar os princípios básicos, que passaram a nortear os membros encarregados do trabalho de renovação e ampliação do idioma, estabelecendo-se as seguintes prioridades:

- 1 — Como primeiro passo, empreendem-se buscas nas “fontes escritas”, a fim de encontrar o significado desejado, já que nem toda a literatura é sobejamente conhecida.
- 2 — Em caso de insucesso, continua-se a investigação nas próprias “fontes escritas”, com o intuito de encontrar um significado *próximo* do conceito ou palavra desejados. Estabelece-se uma aproximação ou ampliação semântica, como por exemplo a palavra “ahuz”, que recebeu o significado de “percentagem”, enquanto na Bíblia seu sentido é “parte de”
- 3 — Além de ampliação, recorreu-se também a mudanças semânticas, isto é, atribuiu-se um novo significado a palavras antigas. Assim, o vocábulo “eqdah”, que na Bíblia tem o significado de “pedra preciosa”, passou a significar no hebraico moderno “revólver”; o vocábulo “hashmal”, que na Bíblia é traduzido por “reluzente”, “brilho metálico”, e na tradução grega por “electra”, recebeu o significado moderno de “eletricidade”.

- 4 — Foram introduzidos muitos vocábulos do repertório religioso que adquiriram um significado secular na língua corrente. O vocábulo “qorban”, que significava o “sacrifício ritual” de animais, passou a significar “vítima” “Mussaf”, o nome de uma das preces semanais, adquiriu o significado de “suplemento” Estes são apenas exemplos dos inúmeros vocábulos que passaram por este processo.
- 5 — Na impossibilidade de estabelecer uma aproximação de significado, recorre-se à criação de novas formas gramaticais, a partir de um radical hebraico, encontrado nas “fontes escritas”, cujo significado tenha alguma relação ou proximidade com o conceito procurado. Esses novos vocábulos são criados pelo processo de analogia gramático-formal, isto é, compõe-se a nova palavra segundo padrões formais “mishqal” já existentes no hebraico clássico. A base da língua hebraica são radicais triconsonantais, combinados com determinadas vogais, com prefixos ou sufixos, segundo um padrão formal, o “mishqal” Há padrões formais para indicar os mais diversos conceitos. Para exemplificar, tomemos o padrão que indica doença, que é composto pelas três consoantes do radical, acompanhadas das vogais *a, e, e*, acrescidas do sufixo *t*: “XaXeXeT” e temos, segundo esse padrão, numerosos nomes de doenças, como por exemplo, *tzahevet* = icterícia (formado a partir do radical que significa “amarelo”).

Todos esses nomes de doenças são inovações a partir de um radical hebraico cujo significado tem alguma relação com o conceito desejado, cunhado segundo um padrão formal, neste caso, o que dá idéia de doença. Esse padrão “XaXeXeT” encontra-se na Bíblia vinte e sete vezes, sendo que, em quatorze casos, indica doença e, nos demais, substantivos concretos. Entretanto, devido à sua origem bíblica, foi convencionado para indicar doenças e, sempre que houver necessidade de criar um vocábulo com esse sentido, recorrer-se-á a ele.

O mesmo método é empregado em relação a outros padrões no processo de criação de novos vocábulos, sem se perder de vista a preocupação de as palavras novas assumirem forma tão similar a das palavras hebraicas que torne praticamente impossível descobrir, pela forma, que são inovações. Outro exemplo: “darkon” que significa “passaporte”, foi cunhado a partir de um radical bíblico “derekh”

(caminho), segundo um padrão gramático-formal existente no hebraico clássico. . .

- 6 — Se, pelo método anterior, não se consegue chegar a um resultado satisfatório, passa-se a outra técnica, semelhante à anterior. Nessa técnica o ponto de partida não são mais as palavras ou radicais hebraicos encontrados nas “fontes escritas”, mas palavras de outras línguas semíticas, de preferência o aramaico e, em seguida, o árabe. Esse método não está baseado em analogias formais internas da língua hebraica, mas procura extrair os radicais, hebraizando-os segundo as regras de concordância que regiam as velhas línguas semíticas. O nível científico dos membros da Academia de Língua Hebraica é uma garantia de que as palavras cunhadas por esse método não se distingam das palavras herdadas. Por exemplo, “haguirah”, que significa emigração, origina-se do vocábulo árabe “hijrah” transposto para um padrão formal hebraico.

Esse método foi também aplicado, em pequena escala, no início do processo de inovação, a palavras de origem não-semítica. Foi assim, por exemplo, que a palavra “mivreshet” (escova) se formou, a partir da palavra alemã: “Bürste”, do inglês: “brush” e do iídiche “bershtele”, cunhada de acordo com um padrão comum a substantivos, segundo a técnica anteriormente descrita. Essa prática é utilizada, atualmente, para a criação de vocabulário técnico, nos diferentes campos profissionais.

- 8 — No início do renascimento da língua, foi amplamente usado o processo de aproveitamento de palavras hebraicas, foneticamente semelhantes a palavras estrangeiras, cujos significados foram tomados de empréstimo. Este método atualmente não é muito empregado, mas palavras inovadas por este método permaneceram no hebraico israelense. Por exemplo: “mekhonáh”, que na Bíblia significa base, lugar para se colocar ou construir sobre ele, assume o significado de “máquina” por semelhança fonética; “holi-ra”, cuja tradução seria “doença má”, assume o significado de “coléra”, por semelhança fonética.
- 9 — Hebraização por meio de decalque foi bastante usado e ainda continua sendo aplicado em muitos casos. Por exemplo: gan-yeladim = jardim de infância; é um decalque do alemão “kinder garten” cuja tradução literal seria jardim de

crianças; “kadur-reguel”, que significa futebol, é um decalque do inglês “football”, cuja tradução seria bola de pé.

2.º) EMPRÉSTIMO

A impressão que se tem, ao iniciar o estudo do léxico de um idioma renovado, é que ele estaria repleto de empréstimos a fim de poder expressar conceitos novos da vida moderna.

Entretanto, o trabalho contínuo e organizado da “Academia de Língua Hebraica”, procura evitar que o emprego dos empréstimos se torne excessivo. Sempre que algum empréstimo entra em uso ela procura, através de suas pesquisas, encontrar um substitutivo hebraico ou hebraizado para o empréstimo e o recomenda ao público.

Às vezes, houve exagero na tarefa de hebraizar palavras tidas como internacionais, e muitas delas coexistem com os empréstimos. São exemplos desta tendência:

<i>FORMA HEBRAÍZADA</i>	<i>EMPRÉSTIMO</i>	<i>TRADUÇÃO</i>
biqoret	qritiqah	crítica
higayon	loguiqah	lógica
hozeh	contraqt	contrato
maarekhet	redaqtzia	redação
mashber	qrizis	crise

Em muitos casos, entretanto, decidiu-se pela inconveniência de criar palavras hebraicas em substituição aos empréstimos. É o caso de palavras internacionais como: rádio, psicologia, telégrafo e outras.

CONCLUSÕES GERAIS

No hebraico moderno ou hebraico israelense, como é também chamado, coexistem elementos lingüísticos de todas as fases anteriores, indistintamente. É lícito e usual usar-se lado a lado formas de linguagem bíblicas e talmúdicas por exemplo.

Com a finalidade de estudar, em termos quantitativos, em que medida cada um dos períodos literários do hebraico clássico contribuiu para o léxico corrente do hebraico israelense, realizamos uma investigação sobre a origem histórica do vocabulário mais freqüente na linguagem jornalística do hebraico israelense.

Segundo os resultados obtidos, concluímos que o hebraico dos três períodos literários contribuiu com 83% do vocabulário mais freqüente na linguagem estudada. Entre'anto, os três períodos contribuíram em proporções diferentes: o bíblico contribuiu com 61%, o período talmúdico, 16%, e o medieval apenas 6%

Não encontramos uma relação direta entre o valor literário de determinada obra e a proporção de sua contribuição ao vocabulário mais usual empregado no hebraico moderno.

Atribuímos ao fator “memória coletiva” da sociedade que restaurou o velho idioma, as proporções com que cada um dos períodos contribuiu ao vocabulário de maior freqüência no hebraico moderno.

A totalidade das “fontes escritas” constituía objeto de estudo e meditação para o judeu, mas é fato notório que nem toda produção literária do judaísmo mereceu a mesma atenção por parte da tradição. Os que tiveram uma educação judaica tradicional e freqüentaram a Sinagoga, liam nas suas práticas religiosas trechos do Pentateuco, dos Salmos e alguns dos profetas. A linguagem bíblica era, pois, parte do seu repertório.

Entretanto, a literatura talmúdica não era familiar a toda a comunidade judaica, porque só uma elite cultural religiosa tinha acesso a ela.

Dado que a literatura medieval era ainda menos conhecida que a talmúdica, na ampla sociedade judaica, o seu vocabulário é o menos empregado no hebraico moderno.

Portanto, o hebraico moderno é composto basicamente de um léxico herdado das “fontes escritas”, com predominância do vocabulário procedente da Bíblia, que é o estrato mais antigo do idioma. Para completar este léxico, que se mostrou insuficiente para exprimir todos os conceitos do mundo moderno, foram criados novos vocábulos, geralmente a partir de radicais hebraicos antigos.

A proporção de empréstimos foi de apenas 5%, segundo os resultados da nossa investigação.

Não houve, pois, grande influência das línguas ocidentais nos significados das palavras inovadas. Mas a influência foi pouco maior nos seus significados. Por tudo isso, o hebraico moderno conseguiu manter-se uma língua semítica com as características da língua antiga da literatura hebraica clássica.

BIBLIOGRAFIA

- AGNON, S. Y e outros, *Ressurgimento da língua hebraica*, Editora B'nai B'rith São Paulo. 1970.
- BENDAVID, Aba, *Leshon Miqrá Uleshon Hakhamim*, Devir, Tel-Aviv, 1971, 2 volumes.
- BEN Or A., *Toldot hasifrut haivrit hahadashá*, Izreel, Tel-Aviv, 1963, 2 volumes.

- BEREZIN Rifka, *As origens históricas do vocabulário do hebraico moderno*, Tese de doutoramento em Letras USP, 1972.
- CHOMSKY, William, "Did Hebrew die?" *Hebrew the eternal language*, The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1958.
- EISENSTADT, Samuel, *Our living hebrew language*, TeKumah, Tel-Aviv, 1967
- KUTSCHER, E. Y., *Words and their history*, Kiriat Sepher Ltd, Jerusalem,
- PERETZ, Itzhak, *The relative clause*, Dvir, Tel-Aviv, 1967
- PINKUSS, F., 'Evolução lingüística do hebraico', *Alfa, Marília* n.º 4 set. 1963.
- RABIN. Chaim. *A short history of the hebrew language*, Jewish Agency, Jerusalem, 1973.
- ROSEN, Haim, *Haivrit shelanu, Am Oved*, Tel-Aviv, 1969.
- SIVAN, Reuven, 'Al hidushey milim', in *Leshonenu Laam*, Academia de Língua hebraica, Jerusalem, nºs 169-170, p.p. 114-116, 1968.